

ENTREVISTA A MANUEL VICENTE

24 de Novembro de 2016

ENTREVISTADO: Manuel Vicente

Centro de Mar - Diga-me só o seu nome completo.

Manuel Vicente – Manuel Pires Oliveira Vicente, Vicente do meu pai, Oliveira da casa do Martins, Pires da casa do marinho e Manuel é o meu nome.

Centro de Mar – É conhecido por Srº Vicente não é?

Manuel Vicente – Sim, sim.

Centro de Mar – Data de nascimento?

Manuel Vicente – 29/04/1948

Centro de Mar – E é natural de onde?

Manuel Vicente – Carreço, nasci em Montedor, Carreço.

Centro de Mar – Natural da freguesia de Carreço, têm alguma alcunha?

Manuel Vicente – Vicente, nunca tive alcunhas, nunca ninguém me batizou com alcunhas.

Centro de Mar – O meu pai tinha, era o Formiga, o meu pai também andou ligado ao mar durante muitos anos, faleceu no mar também. Nome do pai?

Manuel Vicente – António Vicente. Paula Fernandes Pires...

Centro de Mar – Qual é a sua ligação ao mar? Pescava?

Manuel Vicente – Eu nunca fui pescador, tive a cédula marítima porque me obrigaram, porque nós não podíamos praticar a pesca se não tivéssemos a cédula, o que nós praticávamos? Praticávamos a pesca que já vinham dos

avôs, portanto Carreço nunca foi uma terra de pescadores profissionais, era uma terra de pescadores amadores.

Centro de Mar – Pescadores de ir ao mar de embarcação?

Manuel Vicente – Sim, quer fosse de embarcação, quer fosse apeeda.

Centro de Mar – Apeeda?

Manuel Vicente – Apeeda...nós praticávamos a pesca para consumo próprio, a não ser quando apanhávamos muito peixe aí é que era vendido, até já deve ter ouvido em Carreço, quantos barcos iam ao mar e traziam muito peixe vendiam nas barracas, sabe onde é, levavam tábuas, portanto levantava-se um pau com um farrapo preto a indicar que havia peixe ou trocava-se o búzio ou corno...

Centro de Mar – Ali naquelas casitas, já estão todas em ruínas, então aquelas casitas na praia do lumiar era...

Manuel Vicente – Eram as barracas, essas barracas existem desde 1800 e qualquer coisa, os pedidos de licença de construção, eu tenho um documento em casa da cedência oficial da construção de uma, não arranjei das outras, mas já arranjei esta.

Centro de Mar – Têm esse documento?

Manuel Vicente – Tenho esse documento original...

Centro de Mar – Depois se nos deixasse fazer uma digitalização ia ser interessante.

Manuel Vicente – Sim, interessante...

Centro de Mar – E já agora essas barracas que estão lá, qual era a função delas?

Manuel Vicente – A função delas, elas foram pedidas à Câmara Municipal de Viana do Castelo com o parceiro da Junta de Freguesia para autenticar o pedido e eram pedidas para guardar embarcações e os utensílios.

Centro de Mar – E estava a dizer-me então que levantavam a bandeira preta não era?

Manuel Vicente – Isso era quando havia peixe em demasia portanto os barcos grandes e à fotografias disso, os barcos grandes quando iam à sardinha vendiam à população, por vezes até nem vendiam, era cedido por exemplo um cesto de sardinha à troca de outros bens, à troca de trigo, de centeio ou vinho ou prestação de serviços, portanto, dava-se a casa que tinha a campanha, porque aquilo por tudo famílias, eu por acaso hoje não trouxe mas no outro dia tinha trazido, eu encontrei três campanhas de 1835 e vê-se que aquilo é entre família, portanto eram famílias para não deixar passar as marcas para outros, portanto, aquilo tinha-se um certo segredo onde havia realmente o peixe, depois trocava-se, era então aquela troca, aquela situação de dividir o que tínhamos com aquilo que nós precisávamos...

Centro de Mar – Aquilo agora está tudo ao abandono.

Manuel Vicente – Não, não está tudo ao abandono, estão três totalmente em condições não é...eu por exemplo tenho o barco lá dentro, tenho o barco que está metido lá dentro, um barco que é meu e que é dos meus primos.

Centro de Mar – Mas então quer dizer que pesca não profissionalmente, mas...

Manuel Vicente – Atualmente todos pescamos, a exigência foi tanta e tanta e licenças são precisas tantas e tantas em que nós não tínhamos rendimentos para poder pagar todas as despesas, entretanto acabou-se, nós tínhamos como pesca artesanal local e agora passaram todas a recreio para não deixar acabar, eu tenho um barco lá dentro a mais de cinco anos, à mais de sete anos que não vêm água, viu água na inspeção de resto não vê porque é assim nós não temos um porto de mar que possamos sair quando queremos, além disso não temos rendimento de pesca...

Centro de Mar – Pois. Então ali Carreço diz-me que nunca teve ninguém ligado à pesca profissional...

Manuel Vicente – Não, houve muita gente que se dedicava, profissionalmente não eram dedicados à pesca, era quando dava.

Centro de Mar – Pois e que tipo de pesca faziam?

Manuel Vicente – Tudo, sardinha, pescada, badejo e depois o normal, o robalo, tudo...

Centro de Mar – Mas saiam da embarcação? Carreço? E onde é que... ali naquele portinho?

Manuel Vicente – Sim, sim, sim... tínhamos três portinhos, o Porto Lumiar, Porto do Porto e Porto de Fornelos eram os três Portos e depois tínhamos o outro Paço, em todos esses quatro Portos haviam...

Centro de Mar – Mas quando o mar estava bravo aquilo...

Manuel Vicente – Não saíamos, não se saía, por isso é que nós não tínhamos pescadores profissionais, apareceu uma família lá que era a família dos parolos, aqui de Castelo do Neiva esses sim faziam vida do mar, agora nós não! Nós fazíamos vida do mar, da beira e do monte...

Centro de Mar – Ali Carreço tinha mais tradição como Areosa de ir ao sargaço...

Manuel Vicente – O sargaço era do Alentejo, o sargaço é quando dá. O sargaço era o meio de sobrevivência, porque nós por exemplo apanhávamos o polvo, secávamos e depois vendíamos aqui na Feira Franca da Senhora da Agonia. O sargaço apanhávamos, secávamos e vendíamos a alguém que gastasse para as terras também, havia sempre uma quantidade de sargaço que se guardava para depois por nas batatas para adubar a terra, adubar...era o que tínhamos, além do estrume do gado, portanto, eram dois fertilizantes que nós tínhamos, quer dizer três, tínhamos o sargaço, o patelo e o estrume do gado.

Centro de Mar – O patelo era o quê?

Manuel Vicente – O patelo era o pilar é conhecido pelo pilar, é um caranguejo que ataca a sardinha é o robalo é ruído pelo patelo...

Centro de Mar – Ahh já sei, já sei...

Manuel Vicente – É um caranguejo meio avermelhado, meio redondo...

Centro de Mar – Muito bem e costumava sair para pescar?

Manuel Vicente – Sim, saíamos do Lumiar, só tínhamos linhas e anzol, a linha e o anzol era como nós puxávamos a faneca, o robalo, o congro e tudo mais,

depois é que começaram a aparecer as redes, começaram a aparecer as redes, e foi-se comprar uma rede e tudo que vinha à rede era peixe.

Centro de Mar – Exatamente, mas tudo o que pescava era só para consumo próprio? Nunca...

Manuel Vicente – Consumo próprio, nós inclusive não podíamos apanhar muito peixe porque não tínhamos onde guardar, eu só salgava, os frigoríficos não existiam era só salgado e depois custava um bocado a comer as sardinhas salgadas, as fanecas salgadas, o congro salgado, enfim era o que havia, pronto, era o que tínhamos, era aquilo.

Centro de Mar – Então não era a sua função principal?

Manuel Vicente – Não, não...nenhum de nós...todos tínhamos cédula, porque eramos obrigados mas nenhum de nós, segundo consta na população de Carreço, naturais de Carreço, fossem profissionais, não eram profissionais, ninguém venha dizer que era profissionais pois não eram, eram pescadores, eram lavradores, tinham as duas coisas associadas, quando dava a pesca largava-se a leira e ia-se à pesca, porque o mar é assim, é quando dá, eu ainda no Domingo disse que o mar para nós é um relógio, ou cumpre o que ele diz ou então está tudo desfeito, têm horas...

Centro de Mar – As marés...

Manuel Vicente – Com os barcos grandes só podíamos sair, aliás, eu nunca andei nos barcos grandes, era o mais pequeno, o meu tio, o meu avó...

Centro de Mar – Barcos grandes, traineiras, ou...

Manuel Vicente – Não, não...depois acabaram os barcos grandes e foi quando os de Carreço compraram um buque.

Centro de Mar – Buque?

Manuel Vicente – Buque, chamavam-lhe “truque” que é um barco a gasóleo, com o motor de fundo.

Centro de Mar – E era para pescar ou...

Manuel Vicente – Eles inclusive têm aqui um armazém na Ribeira, chamavam-lhe o armazém dos “carreçanos”, qualquer pessoa aqui da Ribeira conhece esse armazém que agora já tem outras pessoas não é, mas eram os armazéns dos “carreçanos”.

Centro de Mar – “Carreçanos” de Carreço?

Manuel Vicente – Carreço, Carreço, “carreçanos”, em vez de lhe chamarem “carrecensses” chamavam “carreçanos, por serem de Carreço.

Centro de Mar – E esse armazém portanto...

Manuel Vicente – Era onde eles guardavam os ... da pesca, mas isto já muito mais tarde, já eu conhecia a embarcação que depois era vendida para caminha, depois começaram as migrações para França, as campanhas começaram a desaparecer, então venderam essa embarcação para Caminha.

Centro de Mar – Portanto ali em Carreço havia atividade agro marítima sempre para consumo próprio...

Manuel Vicente – Consumo próprio de casa, familiares ou da freguesia.

Centro de Mar – Mas têm uma tradição do mar Carreço?

Manuel Vicente – Têm, têm muita tradição do mar, porque repara, desde que me conheço, conversava muito com o meu avô e já antes do meu avô havia um António Ramos Marinheiro que foi dos primeiros a ter barcos e as gamboas já vinham muito antes, portanto já praticavam a pesca da gamboa à muito mais tempo, eu não posso afirmar diretamente que as gamboas vêm dos tempos primários, porque nós temos.....em Carreço que ainda hoje chamamos.....Mouros, é muito antigo, sei lá a data nem sequer imagino mas já se vivia, temos inscrições nas pedras.....fez levantamento já dessas inscrições e tudo leva a querer....

Centro de Mar – As pinturas rupestres lá na...

Manuel Vicente – Sim, tudo leva a crer que essas inscrições foi de ter mostrado as fotografias, apanhei um individuo, não me recorda o nome, um senhor que vinha passar férias a Carreço, mas era um historiador porque andava sempre de volta daquilo e foi quem me indicou, eu tinha, sete, oito anos e ele tinham um

miúdo com ele mais ao menos da minha idade e brincávamos um com outro e acompanhávamo-lo, a brincar mas acompanhávamo-lo e ele é que dizia e ouvia quando ia pescar com um X a ir buscar com os dedos o que estava cavado na pedra e mais tarde foi o Francisco Franco que me cedeu as fotografias desse indivíduo que era muito, muito amigo dele. Eu tenho essas fotografias e quando mostrei à Ivone essas fotografias, ela depois por conhecimento ou coisa que lhe parece indicou à é uma historiadora da Universidade do Minho a visitar Carreço a contactar-me e eu indiquei-lhes mais ao menos onde tinha a minha memória de muitos anos, nunca me dediquei a isso, mas tinha aquela indicação e ela conseguiu encontrar já bastante quantidades dessas figuras.....mas Carreço tem também outros locais mas já em terra, já não é a mesma coisa, têm vários sítios.

Centro de Mar – Portanto, isto, na fase inicial, e ao longo do tempo como é que se foi...

Manuel Vicente – Foi sempre, por aquilo que conseguia captar das pessoas mais velhas que estiveram sempre ligadas ao mar, ou apanhar lamparões ou apanhar mexilhões eu completo isto porquê, o meu raciocínio, a fome era tanta que tudo valia, não era mais nada e então quando era necessário apanhava-se as oportunidades, apanhavam-se os lamparões, os mexilhões, ou o polvo, para quê, para se puder ter meio de subsistente, porque inclusive nós rapazes pequenos já eramos...com as varinhas... é que hoje, não à criança nenhuma que faça isso, então eu nunca vi uma criança fazer uma coisa dessas, que é pena, eu ainda no outro disse que era pena, eu já uma altura fiz a proposta.... freguesias e fez um programa na terra da gente e eu fui convidado e fiz a proposta ao Presidente da Câmara para entrar em contacto com o Ministério da Marinha, ou com a Marinha, ou com alguém responsável por isso autorizar-nos a fazer uma demonstração do que era a pesca de comboas já não digo a trancada, a trancada é muito maior, já é uma coisa totalmente diferente mas a comboa era fechar a porta da comboa, hoje já é muito mais difícil porquê, porque temos....escangalhadas do que eram, mas dá para exemplificar, como vamos praticar, vê-se o peixe e como se apanhava, nós não vamos apanhar, não é preciso apanhar, ele depois foge, ele depois vai, porque as comboas não ficam

completamente secas, ficam poças de água e o peixe encostasse às pedras à espera....mas exemplificá-las e mostrá-las o que era.

Centro de Mar – E está previsto fazer alguma identificação destas?

Manuel Vicente – Não, nada foi feito.

Centro de Mar – É engraçado, mesmo para nós fazermos aqui um levantamento com isso seria interessante.

Manuel Vicente – Eu tenho um revelação, também dessa Ivone, foi ela que marcou isso, nós temos uma quantidade de comboas muito grande, é talvez das freguesias que mais comboas têm, temos muita, muita comboa, desde Paço até Areosa, temos muitas comboas.

Centro de Mar – E ali pela Areosa também é?

Manuel Vicente – Também, Areosa também têm...

Centro de Mar – Da história de Areosa têm conhecimento?

Manuel Vicente – Da?

Centro de Mar – Da Areosa, da ligação...

Manuel Vicente – Não sou de lá.

Centro de Mar – Pois, mas conhece alguém que nos possa...com quem possamos...

Manuel Vicente – Se vocês procurarem, se vocês procurarem são capazes de encontrar, porque à gente que estava ligada ao mar na Areosa como é evidente, não era tanto como Carreço, se vocês forem.....do Benjamim, Fernando Ralhano Oliveira e Benjamim Anjo Pereira, eles fizeram levantamentos muito importantes eu suponho que é qualquer coisa agro marítimos, e têm um estudo sobre Carreço inclusive com as embarcações que havia, vocês não vos passa pela ideia a quantidade de embarcações que Carreço tinha.

Centro de Mar – Essas...

Manuel Vicente – Porque é assim o valor da pescada, porque é que existia um valor de pescada, porque o pescada era.....o guarda pescada aparecia à praia para tirar.....do peixe, não era, era obrigatório...

Centro de Mar – Ai era obrigatório...

Manuel Vicente – Era obrigatório, porque nós estávamos no cais e ao haver a legalização, havia um imposto a ser pago, agora com a história das lotas, o guarda-fiscal chamava e atribuía um preço ao peixe pescada, depois tinha-se de pagar, assim como nas comboas era a mesma coisa eu ia fechar a comboa mas já sabia, e portanto depois da comboa fechar escoava, o peixe vinha para terra é tirado rodízio pela.....

Centro de Mar – Rodízio era pago em dinheiro ou era pago.....

Manuel Vicente – Pago em dinheiro, eram os valores que vocês encontram nos livros, encontram valores, dinheiro, encontram os 50 mil reis, encontram os 30 mil reis e todos esses preços, era o valor dado ao peixe capturado.

Centro de Mar – E a esse valor retirava-se ou era mesmo...

Manuel Vicente – Eu não sou nenhum cálculo, era aquele cálculo que eles faziam, x quantidade é tanto, haviam um certo acordo entre os pescadores e eles né, havia equivalência valia tanto, valia quanto...

Centro de Mar – Já agora o seu relacionamento com o mar, como é que...

Manuel Vicente – É natural, é um relacionamento natural, é uma paixão pode-se dizer que é...como é que eu vou classificar, portanto eu nunca quis nada nasci lá, a minha mãe já era, o meu pai era da beira alta mas ficou habituado ao mar, o meu pai era guarda-fiscal, veio da beira alta, para a tropa, da tropa e incorporou na guarda-fiscal, toda a vidinha dele foi guarda-fiscal, foi guarda-fiscal aqui na Ribeira, foi guarda-fiscal em Montedor, foi guarda-fiscal em Apúlia, depois foi guarda fiscal em.....depois morreu....nasci lá, vivi lá, dou-me bem com ele, respeito-o e ele dá-me.....

Centro de Mar – E relativamente à pesca, feita em Carreço a vida, as atividades piscatórias, entre o que se lembra antigamente e agora, parece saber grande coisa. Não tem presente, já não à grande atividade?

Manuel Vicente – Muita coisa, não, embarcações já não à nenhuma, pesca é de cana....

Centro de Mar – Deixei de ir, apanhei lá um susto uma altura.

Manuel Vicente – Desde que respeite, que ande com calma, com interesse de..... agora se entrar no espirito de aventura, cuidado, tenho cuidado quer o mar, eu costumo dizer que o mar é meio terra, os heróis está o cemitério cheio deles.

Centro de Mar – É verdade e dificuldades que sentiu...

Manuel Vicente – A maior dificuldade que ouve ou que contribuiu para que tudo acabasse, as exigências do Estado, nós que eramos uns pescadores locais, não fazíamos comércio disso e fomos proibidos de tudo e mais alguma coisa devido aos preços que tudo atingiu, portanto, atingiu o encargo, atingiu a licença de navegação, atingiu o porto de mar, atingiu a quantidade mínima de pescado na lota, tudo isto vale alguma coisa, a proibição disto, isto e aquilo, nós tínhamos, na embarcação tínhamos licença para redes de fundo, redes de malhar, rede de apanhar camarão, de arrastar o camarão, linha e anzóis....e sardinha, tínhamos essas licenças todas, se hoje fossemos a pagar as licenças para isso tudo, nós pagávamos tanto como essas embarcações enormes que para aí andam, quando nós tínhamos pequenas quantidades, nós tínhamos nove redes de fundo eles tinham 500, 600 redes, não vamos comparar uma coisa com a outra, eu cheguei a ter 13..... eles têm 3 mil, nós tínhamos 9 peças de..... eles tinham uma redeque era uma coisa louca, tudo isto é uma comparação, nós tínhamos 3 cestos de anzóis, eles têm 30, assim a fazer uma comparação, portanto não à...não desperta, depois houve uma fase em que nos proibiram de.....que era a faca de marisco, nem um garfo nem uma faca, não podíamos utilizar nada que fosse metálico ou coisa que lhe parece-se, como é que eu vou ao mar ou expliquem-me como vou apanhar um polvo sem ter.... eu não sei, e não sei como se faz isso porque à mão....

Centro de Mar – BOCHEIO é ao gancho?

Manuel Vicente – É o gancho é o gancho.....foi tanto e tanto o email que lá caiu que eles por fim, eu não vou ao pormenor...diga?

Centro de Mar – Não sabia que tinha sido proibido, eu ainda tenho lá um em casa.

Manuel Vicente – Era proibido, o Só era permitido.... Não dá para entender....a pesca inclusive....nós não podíamos usar sequer a navalha e é duas coisas.....e a navalha.

Centro de Mar – Portanto todas estas proibições, este pagamento, acha que isso leva ao desaparecimento da pesca.

Manuel Vicente – Sim, sim, leva...

Centro de Mar – Eu recordo-me que ainda ia havendo...foram desaparecendo...

Manuel Vicente – Desapareceu tudo, inclusive em Carreço as barracas são em pedra mas na Areosa são em madeira, aquelas....está tudo a cair a baixo, não têm interesse, não....nós ainda temos uma embarcação pequenita, uma maceira, volta e meia ainda vão ás fanecas, é o único, mas quê...é pai e filho e um cunhado, mas quando lá está, calminho e direitinho...

Centro de Mar – Eu sei, eu sei mais...para pescar uma...

Manuel Vicente – O hábito é.....eu por exemplo ando sempre com as botas no carro que tiver, tenho um jipe preto, já o vi de certeza, trago sempre...as botas.....a cana....

Centro de Mar – Está sempre pronto para a ação.

Manuel Vicente – Natural, é aquele vício...

Centro de Mar – O senhor....

Manuel Vicente – À mais gente desse género, por exemplo eu agora já tenho mais tempo, estou reformado, já tenho mais tempo, mas tenho colegas meus que ao fim de semana não falha....

Centro de Mar – Diga-me uma coisa em termos de instalações, armazéns para além desses que me falou na praia do Lumiar, havia mais alguma coisa, uma oficina, um artesão que fizesse...

Manuel Vicente – Não, não, cada qual tratava dos seus...

Centro de Mar – Cada um tratava da sua ferramenta...

Manuel Vicente – Cada um fazia a sua ferramenta havia as barracas do Lumiar, havia as barracas do Porto, as barracas de Fornelos e as barracas de Paço, tudo isso era locais para se guardar....

Centro de Mar – Essas barracas eram, pertenciam a uma família ou eram comunitárias?

Manuel Vicente – Não, não eram comunitárias, cada qual tinha as suas e aquilo era muito respeitado, geralmente as barracas estão registadas no nome de uma pessoa e mais é barraca blá blá blá, fulano de tal e outros, geralmente são 5, são 5 donos, aquilo a Campanha cada qual tinha a sua e punha os seus filhos de trás, porque é assim imagine que estamos 5 pessoas, somos amigos, somos família, somos não sei o quê, e compramos um barco, o barco é dos 5 só está registado num, mas o barco é dos 5 mas depois os trastes que estão dentro do barco, cada qual tem os seus, daí é que à uma sociedade, você tem duas redes eu tenho uma, o seu cunhado, meu irmão têm 3 o outro têm...aí é que se fazia a campanha, nos primeiros barcos isso aparecia, a rede a arrastar....então aquela.....tinha de comprar a rede e então você dava, agora no valor atual 500 escudos...o outro não podia dar 500 escudos porque era mais pobre dava 250 mas só tinha aquela parte no final quando apanhavam dividiam tudo, os dos 500 levavam uma parte maior, 4 cestos e o de 250 só tinha 2 cestos não é, aquela campanha era formada assim, portanto cada qual tinha a sua parte.

Centro de Mar – E a equipa, trabalhavam todos?

Manuel Vicente – Claro se fosse preciso reparar íamos todos ou pintar, ou reparar as letreiras...todos nós em casa tínhamos os 7 ofícios, o meu avô era carpinteiro, era pedreiro, era ferreiro, era moleiro, era lavrador, fazia de tudo...à uma particularidade que em Carreço uma parte do Norte do Farol os pinheiros desse sítio não se cortavam para lenha, porque era uma madeira de pinho muito levezinha que era para fazer as embarcações os barcos.....

Centro de Mar – E as saídas andavam sempre pela zona de Carreço, não chegavam, a...

Manuel Vicente – O sítio mais longe que nós fomos, eu, os meus primos e o meu tio fomos ao baixo do brasileiro...não me pergunte onde é porque eu não sei, é no mar, fomos ao baixo do brasileiro aos madeiros, as marcas nunca se diziam...

Centro de Mar – E em termos....como é que iam ter ao baixo do brasileiro por exemplo?

Manuel Vicente – Pelas marcas do monte.

Centro de Mar – Não havia GPS, não havia nada disso não é...

Manuel Vicente – Nada, haviam as sondas era um....agarrado a uma pedra mandávamos por ali a baixo e sabíamos a quantas estávamos.

Centro de Mar – Então faziam essa, essa...

Manuel Vicente – Com as marcas do monte, tínhamos uma marca a Norte, e uma marca a Sul, a primeira marca era na praia, a segunda marca em terra, mas a primeira marca na praia era sítios que não fosse tapada com a maré em cima, sempre com visibilidade, nós marcávamos por exemplo eu posso dizer um fundo de fanecas nós tínhamos.....marca é a barraca do Norte do Porto alinhada pelo Posto da Guarda Fiscal e a marca do sul é a chaminé de Viana que à aqui na Ribeira.....a chaminé de Viana pela parte Sul da barraca do Lumiar...

Centro de Mar – Mas

Manuel Vicente – A embarcação está aqui e fazíamos o ângulo para sabermos o sítio onde estávamos, enquanto essas 4 marcas não estivessem nos pontos certos, nós não estávamos no sítio certo, ou vai para a frente, ou vai para trás...quando era no baixo brasileiro víamos o Farol a baixo da meia encosta, está a ver o Farol? Está a ver o Monte?

Centro de Mar – Sim, sim, sim...

Manuel Vicente – O monte vinha cá para baixo e o Farol.....

Centro de Mar – Engraçado, agora sei que a tecnologia...

Manuel Vicente – Nós não tínhamos sondas, tínhamos sempre a bússola, a bússolas andavam sempre connosco, às vezes, eram as marcas, o monte, terra

e monte, por exemplo ali a entrada do Lumiar é uma baixa do monte, depois tínhamos o Farol quando era noite ou tardinha.....

Centro de Mar – Mas só com mar bom as saídas à noite...

Manuel Vicente – Sim, sim, nem dava, nós não tínhamos embarcações para isso, já o vento era uma desgraça vento leve já era uma dor de cabeça, o nevoeiro era outro, no nevoeiro guiávamos pela **RONÇA**, primeiro estava cá em cima no Farol e depois passou lá em baixo, quando fizeram aquela torre lá em baixo foi para instalar a ronca, quando estava nevoeiro era aquilo que nos dava indicação de onde vínhamos e íamos, quando havia nevoeiro tínhamos a bússola se não houvesse tínhamos as orelhas.....tapávamos as orelhas.....e tínhamos a sensação que quando.....o meio, eu digo isto porque normalmente era sempre eu,....para baixo, tapava as orelhas e sabia que a aragem estava no lado de trás, estava a norte, para norte e nós tínhamos de navegar para o suldo lumiar, portanto tapava as orelhas e o da frente botava a sonda à água e media....que estava e o do estava lá trás quietinho com calma, ele media as braças, 22 braças, ok, eu tenho o vento pelas costas, portanto quando dizíamos isto o locutor firmava, se conduzia pelo lado esquerdo firmava olocutor à perna, já sentia, começávamos a recolher a rede, púnhamos a rede.....começávamos a trabalhar e era sempre direitinho, mediamos 12 até às 16 ou 22.....o vento dá-me nas orelhas na direita estávamos a ir para terra se dava na orelha esquerda estávamos a ir para mar, o nosso GPS era esse, não tínhamos GPS nada disso...

Centro de Mar – Nunca correu mal?

Manuel Vicente – Não...

Centro de Mar – Nunca apanharam nenhum susto?

Manuel Vicente – Bem, sustos sim, mas quem anda no mar têm sempre sustos.

Centro de Mar – Ok, ainda se lembra assim do maior...

Manuel Vicente – Nós estávamos 4, eram 3 irmãos e 1 primo, 4 e deixei de começar a ver Santa tecla, nós estávamos fora com a ideia de apanhar a sardinha do mar de Santa Tecla de Espanha....norte para sul e nós queríamos

fazer a alvorada, serrou-se o nevoeiro.....portas nem janelas, eu não tinha bússola e agora, então lá fomos indo, recolhemos a rede, sardinhas bastante, recolhemos a rede, não despescamos a rede, nem pensar.....

Centro de Mar – Despescar, era deitar o peixe fora?

Manuel Vicente – Na hora....porque nós ao recolher recolhíamos a rede e abríamos a sardinha, sacudíamosalargasse os dedos e elas estão à roda.....chamasse isso despescar a rede, pescamos recolhemos tudo, estava tudo feito e começamos a vir de Norte para Sul....e quando demos por ela estávamos nas pedras ali de Fornelos o nevoeiro não sei por alma de quem uma pedra assim parecia um prédio...é uma coisa muito...eu assustei-me tanto e tanto, consegui reconhecer onde estávamos, saímos e eramos para entrar no Lumiar, quando demos por ela estávamos ao Sul do Lumiar e pronto andamos ali...

Centro de Mar – Para a frente e para trás...

Manuel Vicente – Até perdemos....o nevoeiro começou a levantar e é que encontramos um Porto.

Centro de Mar – Andaram ali...

Manuel Vicente – Lembro-me..... na boca, porque aí uma pessoa lembrasse de todos os santos....outra altura foi quando....veio do mar e atiramo-nos para fora, mas conseguimos safar-nos sempre, embora eu já tenha tido na minha vida à volta de 3 vezes lá ficar...

Centro de Mar – No mar ou...

Manuel Vicente – Sempre na água do mar, a primeira vez foi o Porto de Leixões, também com rapazes para ir às fanecas, atravessamos pelo meio, o Porto de leixões não estava como está agora, foi naquela parte Norte, passavam pelo meio, havia uma zona onde os pescadores passavam e os pais desses rapazes que eram pescadores profissionais que andavam com as traineiras era uma embarcação à socapa e zarpamos, adeus, tentámos passar por ali, veio uma onda embrulhou-nos e atirou-nos para dentro sabe...acabou-se a apanha às fanecas, essa foi uma. Conhece aquela...na altura... (Parou de filmar) e aquilo foi naquela época da febre asiática, já ouviu falar nisso? Houve a febre

asiática, eu apanhei-a e então os meus colegas estavam debaixo da minha cama a beira da janela, e eu estava em cima, ideia de rapazes não é?!havia a parte Sul e a parte Norte, uns barcos tinham as camas a Norte e sala, cozinha a parte Sul e eu por cima, calcei-me, vesti-me....e acabei com a febre asiática.

Centro de Mar – Aí foi?

Manuel Vicente – Um banho de água fria..... a febre? Banho de água fria, e resultou mas foi buscar água a 7 metros do fundo é quanto têm de profundidade a piscina de Na parte funda e que estavana piscina e houve um que me empurrou e bati com a cabeça na beira do cimento....na praia....água isso na segunda vez, na terceira vez foi na praia.....as ondas apanharam-me e tiraram os pés da areia e....e um colega meu agarrou-me pelos cabelos e puxou-me para cima..... é o dia a dia.

Centro de Mar – E do bom, boas memórias, já falamos das menos boas, têm saudades?

Manuel Vicente – Boas memórias tenho muitas, boas pescas, não sou um individuo de ter os pés na areia, eu faço praia todo o ano, todo o ano, mas não sou individuo de estar esticado na areia, não consigo...

Centro de Mar – Eu também não...

Manuel Vicente – Eu adormeço, ando por cima das pedras, isto e aquilo, estou habituado aquilo, não sei estar parado...ou então estou cá em cima a dar uma voltinha, todos os dias vou ver o mar, o meu trabalho foi durante muitos anos em tudo quanto é sítio, eu corri Portugal de Norte a Sul, porque eu metia aqueles viadutos por baixo da linha de ferro, o maior degredo que eu tinha era ter de sair à segunda e voltar à sexta, mas era pelo mar não era por chegar a casa, mas eu tinha primeiro de ir ver o mar e depois ir para casa e no domingo não ia para a cama sem primeiro ver o mar eu não ficava bem....

Centro de Mar – Então ia lá mesmo?

Manuel Vicente – Eu ia lá mesmo, eu vou lá desanuviar...

Centro de Mar – Portanto ir morar para um sítio que não tivesse mar...nunca iria acontecer?

Manuel Vicente – Não, não, não...não...

Centro de Mar – Têm o sangue salgado?

Manuel Vicente – Salgado...eu já não tenho cura, eu estive em Tomar, em Espinho, em Nazaré eu sei lá...com mar...não...eu conheço

Centro de Mar – Relativamente à pesca do bacalhau têm alguma informação?

Manuel Vicente – Não, a pesca do bacalhau a mim só me têm por...

Centro de Mar – Por?

Manuel Vicente – Sistema de Trabalho, porquê? Porque quando vinham os barcos do bacalhau aqui, iam por aqui a baixo, pelas bandeiras...e ainda trabalhei no ...à linha, era onde nós caçávamos a linha para pescar a faneca...não havia.

Centro de Mar – Mas nunca foi à pesca do bacalhau?

Manuel Vicente – Não, não, eu sinceramente, eu tenho um certo receio, tenho medo da embarcação muito forte, eu não dava para ser embarcado de maneira nenhuma e mais a mais se eu fosse para a pesca do bacalhau.... Que eles, eu era serralheiro, ia sempre às maquinhas.....de Matosinhos a Viana, portanto, eu sou natural daqui, com 7 anos saí a minha irmã frequentava uma escola primária e foi colocada, nessa altura não era concurso era colocação, foi colocada numa no Porto e o meu pai viu-se obrigado a pedir a transferência para acompanhar a filha e a família foi toda, e eu com 7 anos....fiz a escola primária nae depois quando a minha irmã, 7, 8, 9, 10 anos veio para o....em Viana do Castelo e para o meu pai não pedir outra vez transferência, portanto ele era comandante do Porto do Porto, ela veio e eu vim com ela, viemos os dois, portanto eu vim para Carreço novamente aos 10, está a ver a idade que é, aí já a coisa estava mais.....depois ela terminou....em Viana do Castelo, ficou professora e foi colocada emela concorreu para ae foi colocada na.....e eu entrei para a escola, fiz aqui a 4 classe....fui para a escola empresarial de Matosinhos e comecei....e já eu trabalhava no Porto nas férias nojá com 14 anos comecei a trabalhar com serralheiro....foi quando o meu pai reforma e nós viemos definitivamente para Carreço já eu tinha 16, portanto a minha ligação aos barcos

de bacalhau, não à frota bacalhoeira nem à pesca do bacalhau mas sim à frota é possível....os barcos estavam ...para depois fazer a vistoria

Centro de Mar – Diga-me uma coisa, em termos de documentação, de fotografias, tudo que diga alguma coisa...

Manuel Vicente – Propriamente dito, as fotografias que existem, só existem fotografias....três, só existiam do Silva, nem toda a gente tinha máquinas fotográficas como hoje, António Silva é que tirava várias fotografias e estão todas à disposição, se vocês procurar na internet, facebook e companhia ilimitada elas estão publicadas....

Centro de Mar – E assim mais antigas?

Manuel Vicente – Não, porque quem as tinha?

Centro de Mar – Pois, mas em termos de documentos, cédulas marítimas...que se possa fazer, não sei se a Junta de Carreço têm alguma coisa...

Manuel Vicente – Têm sim senhora, você ainda não foi lá?

Centro de Mar – Não, eu estou aqui à pouco tempo...

Manuel Vicente – Já foi a Carreço?

Centro de Mar – A Carreço já fui...

Manuel Vicente – A parte de cima...

Centro de Mar – Estive a ver assim por alto, vi que tinha lá umas coisas mas para ceder...

Manuel Vicente – Mais de 50 por cento do que lá está é meu...

Centro de Mar – Aí é?

Manuel Vicente – É, mais de 50 por cento do que lá está é meu e têm coisas guardadas que não deviam ter, que estavam lá.

Centro de Mar – Este museu é na antiga estação?

Manuel Vicente – Não, não...

Centro de Mar – Ahhh lá em cima, pois, sim já vi já vi...

Manuel Vicente – Mais de 50 por cento do que está lá em cima naé meu, a rede, as comboas é minha, a rede fundo é minha a rede desmaio é minha, de fio...não é de a rede sardinha era minha, minha entre aspas, era da minha família a rede ...era dos pescadores, era de uma campanha.....casa nova, o cesto que lá está dos anzóis....a linha que lá está é uma linha de 3, 4 milímetros, castanha, era a rede.....porque nós não tínhamos, não havia é preciso dizer que os anzóis eram trazidos por gente da pesca do bacalhau...

Centro de Mar – Aqui não havia ninguém a fazê-los...

Manuel Vicente – Não havia, não havia sediela, a primeira sediela apareceu e era daqueles senhores que vinham de férias para Carreço e prendiam a cana aqui com cana de bambucustou 30 escudos As únicas voltas que nós tínhamos era a pesca do bacalhau, fita amarela e custavam 30 escudos...

Centro de Mar – Já era muito dinheiro na altura...

Manuel Vicente – AH AH AH um passe semanal de Carreço a Viana do Castelo de comboio, ida e volta todos os dias custava 20 escudos.

Centro de Mar – Portanto 30 escudos era...

Manuel Vicente – Não era que fosse muito dinheiro, o que eu ganhava nos estaleiros era 47....não dava para tudo, era preciso vestir, calçar, comprar a bicicleta, comprar a roupa para o Lumiar, as botas para o Lumiar de borracha para ir trabalhar, e depois o resto, tínhamos que pagar o almoço, nósna cantina dos Estaleiros.....os Estaleiros pagavam melhor, eu fui para os Estaleiros, ganhava 22 e 500...

Centro de Mar – No Luciano?

Manuel Vicente – No Luciano...

Centro de Mar – E depois, mais para a frente se pudesse cá passar para trazer alguma documentação que tenha de...

Manuel Vicente – Eu posso, vocês vêm, ou mesmo vocês estando em Carreço...

Centro de Mar – Nós, é assim nós o que puder ceder, nós arquivamos o que não puder ceder se nos permitir ou fotografar ou fazer digitalização tudo que seja documento...portanto isso ficará o nosso pedido...

Manuel Vicente – Eu tenho umas licenças...

Centro de Mar – Pois é isso que nós queremos, portanto isto em termos de documentos contribui para a memória coletiva das pessoas para as pessoas...ou eventualmente algum estudo que apareça...

Manuel Vicente – É porque isto é assim, isto mais tarde ou mais cedo perde-se...

Centro de Mar – Pois, exatamente, nós queremos fazer isto para que fique registado...

Manuel Vicente – É pá, eu não tenho jeito, eu tenho jeito para escrever critica,.... Sim senhora, conta comigo, quero que atues, muito bem, agora para escrever um livro, não escrevo...

Centro de Mar – Nós aqui o Centro de Mar está aberto à três anos, já têm duas edições, a pesca do bacalhau, têm agora aquela que fala mais dos portos....

Manuel Vicente – A pesca do bacalhau.....ele aprofundou-se muito sobre a pesca do bacalhau e fez livros engraçados com a Ivone...

Centro de Mar – É, mas essa parte já é bastante...

Manuel Vicente – Isso para mim é particular, para mim é particular, eu gostava que houvesse qualquer coisa fácil de consultar, na internet ou coisa parecida...

Centro de Mar – Ah, sim, é o que nós estamos a fazer...

Manuel Vicente – Às vezes à o curioso, eu sou curioso, não sou profissional em nada, por amor de deus, simples, identificar o que à aqui, o que à acolá...

Centro de Mar – Nós o que estamos a fazer neste momento é um inventário desde edições que temos lá em baixo, estamos a fazer também em termos de documentação, as entrevistas, fotografias, cédulas, cartas, tudo, tudo, tudo o que nós interessa, portanto, estamos a catalogar isso tudo, estamos a criar uma base de dados e a finalidade é que no fim essa base de dados esteja disponível quer

para consulta aqui no Centro de Documentação, vai ser integrado num site do CMIA, portanto, o Centro de Mar está ligado ao CMIA e possivelmente à Biblioteca de Viana...a minha ideia era que houvesse também um site público, o Centro de Documentação Marítimo de Viana, que se possa consultar informação lá ou caso ela possa estar no arquivo municipal, portanto este tipo de ferramenta que a pessoa saia que pode ir ali aquele sítio ou aquela matriz, aquela pintura, tudo ligado ao mar.

Manuel Vicente – E era isso que eu vos queria dizer, depois haver uma facilidade de transmitir...neste caso Carreço, a Junta de Freguesia têm um Museu, disponibilizavam no site o que temos em Carreço...

Centro de Mar – Ah sim, sim...

Manuel Vicente – Isso é uma ideia, não é a nós que nos interessa estar a ver ou não, estar a ver Ribeira, ou estar a ver outro lugar qualquer, mas interessa-me estar a ver Carreço.

Centro de Mar – A nossa ideia é tudo...

Manuel Vicente – É sempre, e depois de vocês terem feito um apanhado da natureza mostrar o que realmente existe, não sei se Areosa tem, não sei se Afife tem...

Centro de Mar – Areosa...é assim eu sou de lá e não tenho conhecimento, aliás, tenho aque tinha a empresa de pesca, a empresa de pesca em Viana...em termos de pesca tem lá o lagosteiro na praia Norte, mas aquilo acho que já faz parte de Viana, mas havia lá umas embarcações não haviam?

Manuel Vicente – Havia, havia...

Centro de Mar – Ali pela zona rochosa, não tem corpo nenhum, eu acho que Areosa era mais ligado ao monte. A zona da minha avó e as vacas, os porcos...a minha mãe ia ao sargaço...

Manuel Vicente –embarcações, mas a entrada do porto....não era fácil...não era fácil, agora no Lumiar entrasse bem...

Centro de Mar – Ali só de maré cheia...

Manuel Vicente – Maré cheia, entravasse à vontade entre aspas, agora o Porto Coutinho...

Centro de Mar – Aquilo era, pedra afiada...

Manuel Vicente – É, é uma pedra muito má, é por isso que eu digo a pesca, a pesca, nós dedicávamos à pesca.....não era uma pesca profissional.....amadora, era uma pesca ocasional, era assim, não tínhamos tanto como temos hoje....apanho-me em Carreço mas tem de ser maré baixa, com maré baixa eu mostro aquilo que sei...

Centro de Mar – Aí é, onde é que costuma...

Manuel Vicente – Em todo o lado, você teve....em todo lado, encontra-me mais depressa no mar do que no Monte.....

Centro de Mar – Eu gosto muito de monte, também gosto do mar...

Manuel Vicente – Eu gosto mais do mar, o monte....

Centro de Mar – Eu já de miúdo era sempre monte, ia para ali para a praia de Areosa e depois ia sozinho para o monte.

Manuel Vicente – Eu para fugir para o mar era um artista, era sempre!!

Centro de Mar – Então vamos combinar aí um dia...

Manuel Vicente – Quando quiser...

Centro de Mar – Com tempo, marcámos isso...

Manuel Vicente –aquela senhora que esteve aqui no Domingo que é da Câmara....

Centro de Mar – Sim, a Eng^a. Leonor...

Manuel Vicente – Aquela cara não me é estranha, mas são tantos...

Centro de Mar – Ela está...o Centro de Mar tem ligação ao CMIA, que te haver mais com a fauna, com a flora, mais terra, e o Centro de Mar está vinculado ao CMIA, ela é Eng^a, bióloga...

Manuel Vicente – Mas ela que vá têm tanta coisa para ver...

Centro de Mar – Sim, sim...mas isto, nós temos de fazer...

Manuel Vicente – Ela que vá, tem tantas coisas para ver...

Centro de Mar – Isso nós...Pode não ser hoje mas...

Manuel Vicente – Notasse que é uma pessoa sem grandes receios...era uma pessoa que talvez tenha um certo interesse de ir ver o mar à noite, não é que vá apanhar nada, não se preocupe que não vai apanhar nada....mas é só para ver o que é, repare, eu não sou pescador, eu gosto daquilo, eu gosto de ver, eu sou capaz....com um polvo para aí meia hora, porque é que faz, porque é que não faz, porque é que foge, porque é que não foge, porque é que ele deita aquele liquido preto, tudo isso, até pode estar num poço, levar uma rajada de vento só para ver a reação dele, porque é que é levado aquilo, se calhar vocês nunca viram isso...

Centro de Mar – Eu tenho uma ligação muito grande, sou filho de marinheiro, já cheguei a ir ao ...com os meus tiosnão era elétrico ...levei um grande susto, ficou preso e foi a primeira, estava assim saí da água e depois lá me lembrei, cortei a barbatana e lá foi assim que me safei senão ia...

Manuel Vicente –numa aventura....a casa do marinheiro

Centro de Mar – Em Carreço?

Manuel Vicente – Sim...

Centro de Mar – Não, não...

Manuel Vicente – A casa do marinheiro era a casa dos meus avós, portanto, uma casa grande, tinha monte, “beira” e mar, tinha as três coisas e tinha aqueles....moinhos, os moinhos de baixo eram do meu avô, era li que eles nos....passei ali tardes inteiras eeles eram tocadores de música, não eram músicos, eram tocadores de instrumentos, Carreço teve a primeiro grupo musical....faziam os bailes, faziam tudo, mas era tudo com pessoas dali, labradores, nenhum deles estudou musica, era tudo dali, assim como a também tinha dessa gente, e contavam histórias de como aprenderam a tocar música, estamos a falar de violinos, de vários instrumentos desse género e a

curiosidade começou a tocar nas nossas cabeças, os instrumentos, nós tínhamos de os procurar, então nós começamos a percorrer osos sôtãos, e as cabanas, como os sôtãos não aparecia nada de jeito, portanto não haviam tesouros, íamos para as cabanas, o que apareciam nas cabanas? Uma vela e uma rede....e para que é isso? A rede deixávamos ficar.....quando o avô veio do moinho apanhou-noso meu avô era velhinho, nunca bateu num filho e muito menos num neto e tinha uma particularidade “Oh meus meninos, vós que estais a fazer?”, nunca nos chamou índios, nunca nos chamou bandidos, nunca nos chamou estupores, nunca nos chamou esses nomes tradicionais.....agora não, mas antes chamava “oh meus meninos, oh meus ricos meninos, vós que estais a fazer?”, o avô nós estamos aqui a ver isto, isto é uma rede de arrastar e como é que isso se faz, era logo assim e começou-nos a explicar como era a nossa prioridade para ali era de 25 por cento passou logo para 75 por cento, só faltava 95 ou 100 era só para picar, como a rede esteve muito tempo fechada dentro de um saco os ratos roeram-na, tinha ratos, o avô com uma agulha, com um fio concertou a rede toda, mas na rede faltavam pandulhos, os pandulhos é os chumbos em pano cheios de areia que faziam os pesos e ele disse, olha, diz à tua mãe, que era filha dele, diz à tua mãe para te fazer os pandulhos, aquilo era feito em pano....e depois cozinho cheio de areia, depois cozinho na pontinha só e apertado.....e tínhamos de arrastar....ele insinou-nos como se fazia a rede, quando são duas pessoas um colhe a rede pelo lado das cortiças, outro colhe a rede pelo lado dos chumbos, mas sempre com o dedo grande....vai com o dedo de quatro em quatro cortiças de quatro em quatro chumbos, os chumbos são apanhados pelas cortiças e quando chegamos ao fim, no fim da rede tem um pau onde tem a corda de cima apertada em cima, e a corda de baixo apertada no fundo, o meu primo largava, eu tinha de passar as minhas cortiças ou chumbos para as mãos dele, para ele ter as cortiças da mão direita, e os chumbos na mão esquerda e largar contra o mar, portanto metíamos por a água dentro, água até ao peito e eu ficava com o pau, metia o pé na corda do fundo, quando a onda viesse eu subia para passar o outro, ia largando por ali fora...quando chegava o fim de largar dava um assobio, isto sempre calados, dava um assobio e nós começávamos a arrastar para cima, começávamos a vir, puxávamos a rede toda, até que o avô explicou-nos como isso era feito, e nós fizemos.

Centro de Mar – Portanto toda esta aprendizagem era feita, portanto, passava de geração em geração...boca em boca...tudo isto se aprendia com os mais velho

Manuel Vicente – Sim, sim...com os mais velhos e não estamos a falar de botas....fato devestidinhos e calçadinhos....estamos a falar do Inverno, um frio de morrer, apanhar peixe era um luxo, entravamos pelo rio dentro....

Centro de Mar – Quando chegava acima....esta água é quentinha e tal...

Manuel Vicente – É altamente, nas conversas, vou te dizer uma coisa, depois de ...a rede em arrasto íamos molhar as mãos à água que estava mais quente que nós, para poder tirar o peixe da rede e ficar molhado, porque senão não conseguíamos, era tanto frio, tanto frio cá fora que a água estava quente e quantas vezes.....à água para tirar o frio.....era o maior ...que tinha....era a camisola de interior....fazíamos assim e o outro puxava....era tirar a camisola de interior, era muito frio, muito frio, nós as calças....ceroilas, depois vestíamos as calças e a camisola, camisola de interior, uma camisa, também o mais apertada possível, completamente apertada para não ter frio, nós já fazíamos isso, apertávamos para não sentir o frio, como quando eu....era a mesma coisa, era o mais apertado que pudesse....era maior...

Centro de Mar – Muito bem, pronto Sr^o Vicente, já temos muita informação, havemos combinar um dia que possa, um para ir ter consigo para vermos melhor as camboas, portanto tudo que lá está, só não conheço uma coisa, mas assim fico a conhecer melhor...

Manuel Vicente – Vocês podem fazer....tem noção daquilo que querem, vai chegar uma altura e já não sei o que vocês querem, nunca ninguém tirou, já desafiei varias vezes par tirar uma fotografia de fora para dentro, ver Carreço do mar, nunca ninguém fez isso.

Centro de Mar – Vamos nós, se tiver um barquito se um dia quiser leva-lo para fora, aqui vou eu, outra coisa que eu também fui reparando é que à uma série de termos de expressões muito engraçadas também gostava depois com tempo fazer aquilo...se puder fazer uma listinha que é para o nosso glossário, portanto, que é para irmos fazer um registo de...

Manuel Vicente – Ora bem, os termos, começando a conversar os termos aparecem, porque assim lembrar-me de termos de isto ou daquilo...

Centro de Mar – Nah, eu aqui já ficou muita coisa e depois...

Manuel Vicente – Porque à inclusive que...

Centro de Mar – Isto depois não vêm num dicionário, tem que ser uma pessoa que os sabe...

Manuel Vicente – São termos próprios e eu não sei a linguagem do pescador porque eles não os diziam, embora fossem nossos tios, mas eles não nos diziam que era para nós não os entendermos...porque por exemplo repare, quando se fazia uma trainada ou comboa, nunca se dizia a ninguém, porque depois de levantada a rede.....e para que não fosse, não se dizia e você só sabia quando lá estava, ou então quando pregava.....para quando eles tivessem a rede levantada.....peixe, isto é tudo...a pesca era muito manhosa.....porque era manhoseice, nós inventávamos manhas para que você não descubra onde tínhamos o peixe, você pode andar atrás de mim....pode ir lá ver....nenhum... que é para você não ver de onde eu o tirei...,mas isto vêm....mas isto já é assim....o peixe mas não consegue, eu ando com ele de um lado para o outro, de um lado para o outro...ou então como tenho dito a muita gente, inclusive a rapazes, não sei se conhece o Magalhães, um rapaz novo, ruivo...a mim não me faz diferença nenhuma porque o que ele apanha eu não apanho, o que eu apanho ele não apanha.... Fartura, eu vou lá, se não trago hoje trago à manhã que é um melhor dia...

Centro de Mar – ... fresquinho...

Manuel Vicente – É fartura sabe, o que leva a isto é fartura.... É estragar....os polvos que existem na Senhora da Graça nas tasquinhas, fui eu que os dei todos prontinhos....não se já lá foi ou não...

Centro de Mar – Não...

Manuel Vicente – Mas se lá for tem polvos de duas qualidades, tem salada de polvo, cozidos e salada verde só e têm polvo com tomate, os quilos, não estou a falar de um, estou a falar de quilos, dois tupperware, tupperware não, são aquelas....são assim grandes levam catorze quilos de polvos as duas e dei-os,

prontinhos a comer....eu vendi ramalheira rapaz, vendi muita ramalheira ao café “spor”, à taberna linda e à Marisqueira, vendi sim senhora para comprar um fato para o 15 de Agosto, um feito no Carolino, no alfaiate Carolino da Areosa dois....cinzentos, foi à custa das ramalheiras que nós compramos os fatos, eu e um colega meu para estrear no dia 15 de Agosto...o maior gozo que tenho.....repara à muita gente que.....

Centro de Mar – Eu gosto...

Manuel Vicente – Não, é a tal coisa, é fartura...eu tive uma altura, estive....baixa, aquela gente por polvo no Natal, são doidos, são doidos mesmo, não tendo polvo, não tem Natal e eu “como?”, sim o polvo.....nunca mais...trago polvo para vós, nozes, avelas, figos, jeropiga....para aí 10 vezes, mas aquela gente por polvo é uma loucura, aí que coisa rica, que rico polvo não é nada como o que compramos. E pronto, quando vocês quiserem, vocês apareçam...

Centro de Mar – Pronto, nós vamos voltar a entrar em contacto e o Srº Vieira também quando quiserem, nós temos a porta aberta, para quando quiser cá vir, portanto para dar o seu contributo ou para ver o que está a ser deito...

Manuel Vicente – Este mês....mas depois temos aqui, mas antes é mais para meio do mês de Dezembro, uma terça, uma quarta, uma quinta, uma sexta-feira começamos.....se estiver mal eles reclamam, eu sei houve alguém lá a medir, foi o levantamento das....porque se não me disseram.....

Centro de Mar – Mas Fornelos...

Manuel Vicente – Onde tem aquelas inscrições, Lumiar, Camaril, depois tem aquela zona dos cafés, Porto, mais à frente um bocado a fazer a curva tem ali as barraquinhas, uma com telhado e uma com telhado...

Centro de Mar – Sei, está cheio de silvas, logo ali...

Manuel Vicente – Eram três, era coisa nova....a primeira está desfeita, depois tem a outra que têm telhado e a primeira que está desfeita, pronto essas três são do Porto e depois mais para o Norte quando chega ao fim naquela montanha deali é Fornelos, ali existiam duas barracas, a barraca do Marinheiro e a barraca do petisco...

Centro de Mar – Mas já não têm lá mais nenhuma...

Manuel Vicente – Têm, a do Marinheiro ainda tem duas paredes, duas ou três paredes e a do Petisco é que não tem nada, essa já não tem petiscos nenhuns...

Centro de Mar – Havemos de combinar lá para ver isso, um dia que passe por lá também...

Manuel Vicente – Tudo podiam ser propriedades daspetisco, marinheiro, luisa, da Ribeira, daas comboas também era propriedades...pagavam às finanças, é uma realidade.....o Gil, eu dei-lhe no outro dia uma cópia....a feira de gado deem Viana do Castelo, sim porque nós não pertencíamos aqui a Viana do Castelo...Espanha aqui.....Viana do Castelo pagava....a tudo e depois pagou a Braga e depois pagou.... Depois é que se foram....e tamos grandes....Viana do Castelo....

Centro de Mar – Exatamente, olhe Sr^o Vicente temos que marcar aí as nossas....

Manuel Vicente – Na parte da igreja temos grandes valores, grandes...

Centro de Mar – Ahhh sim, sim, temos agora aqui uma exposição, têm muita coisa engraçada, ligada aqui ao Porto de Mar, descobriu-se para ai uma plantas de 1800 e tal...

Manuel Vicente –portuários, tinha ali cartas que mais ninguém as tinha...

Centro de Mar – Esta foram busca-la à Capitania...

Manuel Vicente – A Capitania não tem nada, a Capitania...todo o registo da Capitania foi para Lisboa, eu tenho um relatório de campanhas e ainda hoje não tenho resposta.